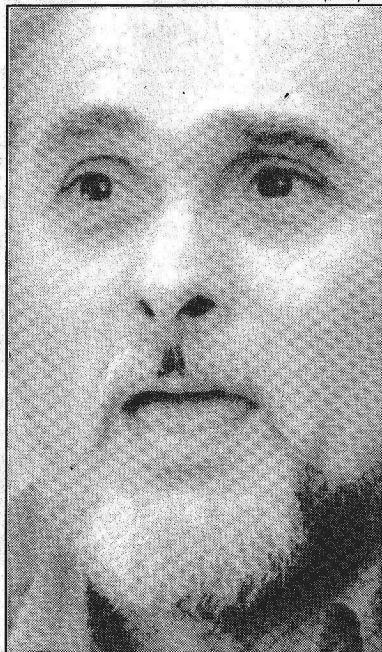




“SERÁ QUE
NÃO ESTÃO LENDO
OS JORNAIS? BRINDE
AGORA ESTÁ
PROIBIDO.”

(Do presidente da
CPI, Jarbas Passarinho)



“NÃO SE
PODE BRINCAR
COM ESSAS
COISAS DE
PRESENTES.”

(Do deputado
José Genoíno)



“ME MANDAVAM
BONS VINHOS,
CESTAS APRECIÁVEIS.
TUDO ISTO ACABOU,
SÃO LEMBRANÇAS.”

(Do deputado
José Lourenço)

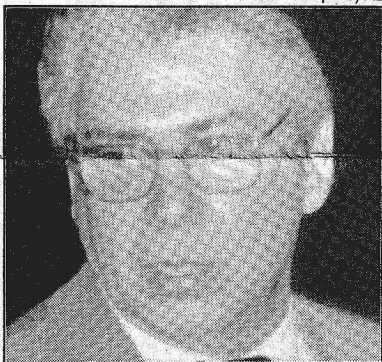
ESCASSEZ DE BRINDES

Parlamentares, cautelosos, recusam lembranças de fim de ano.

Arquivo/AE

O presidente da CPI do Orçamento, senador Jarbas Passarinho (PPR-PA), abriu uma caixa contendo carteiras de couro que lhe foi enviada como brinde de fim de ano pela Indústria Têxtil Cata, de Belém, e perguntou: “Será que esta gente não está lendo os jornais? Brinde agora está proibido”, brincou, explicando em seguida que o presente tinha vindo de um amigo de longos anos. O cuidado de Passarinho é uma mostra do temor generalizado que tomou conta dos políticos de virem a ser envolvidos em acusações futuras. Qualquer mimo pode ser comprometedor.

O campeão da cautela, no entanto, é o deputado José Genoíno (PT-SP). Ele ganhou um telefone celular do colega Elísio Curvo (PRN-MS) no valor de US\$ 499. Curvo deu o presente e anotou a explicação no verso da nota fiscal de compra. “Declaro a quem de direito que o telefone celular, objeto desta nota de venda, por mim adquirido, entrego-o ao meu amigo José Genoíno, na condição de presente de Natal”. Curvo pôs data e assinou a nota de entrega. Genoíno guardou tudo para pôr na



Covas: chocolates.

declaração de renda deste ano. “Não se pode brincar com essas coisas”, disse. O deputado Aloísio Mercadante (PT-SP) devolve presentes se forem enviados por desconhecidos. Este ano, um escritório deu jóias para sua secretária, Cristina, e a funcionária seguiu o costume do chefe: mandou de volta. “Fiquei muito feliz com a atitude da Cristina”, disse Mercadante. Ano passado, Mercadante devolveu cestas de Natal contendo produtos importados. Uma delas era do Banco Mercantil de Crédito. “Não devolvi por agressão, mas não tenho nenhuma relação pessoal no BMC para rece-

ber presentes deles”.

Pequenas lembranças também têm a origem explicada pelos parlamentares. O senador Mário Covas (PSDB-SP) ganhou duas caixas de chocolates da Nestlé. “Deve comer tudo, mesmo contrariando os médicos que lhe proibiram os doces”, afirmou uma assessora. O relator da CPI, deputado Roberto Magalhães (PFL-PE), ganhou e comeu uma caixa de “excelentes” chocolates suíços, da Embaixada de Israel, mas pediu para a notícia não ser divulgada. O deputado Moroni Torgan (PSDB-CE) não recebeu nada, nem mesmo cartões, a não ser de amigos e familiares. Ele acredita que a escassez dos brindes é produto do clima de moralização da CPI. “Há uma síndrome nova a respeito desse assunto”.

“Secaram todas as fontes”, diz o deputado José Lourenço (PPR-BA), lamentando as caixas de vinho francês e outros brindes tradicionais. “Me mandavam bons vinhos, cestas apreciáveis, mas agora tudo isto acabou, são lembranças”, queixa-se, nostálgico. Lourenço só recebeu uma pequena agenda da Editora Abril.